

Escritores de outro mundo

NOS ÚLTIMOS ANOS, A FICÇÃO CIENTÍFICA CRESCEU NO PAÍS, COM O SURGIMENTO DE AUTORES JOVENS E EDITORAS INDEPENDENTES. MAS O GRANDE PÚBLICO AINDA DESCONHECE

» FELIPE MORAES

Se a psico-história, campo científico inventado pelo escritor Isaac Asimov na série *Fundação*, existisse, ela forneceria cenários positivos sobre a atual produção brasileira de ficção científica (ou FC, como abreviam os fãs). Os autores, muitos deles jovens, caminham em terreno inconsistente: publicam por editoras que não pertencem ao mainstream (como Devir, Draco e Tarja Editorial), priorizam ficções breves (contos e antologias colaborativas) e carecem de leitores realmente interessados em títulos nacionais.

Mas a quantidade de material é grande. “Se não é por demanda do público, a literatura pode crescer por oferta. E há uma oferta de autores e livros que leva a um esforço para conquistar espaço nas livrarias e chamar a atenção de leitores potenciais”, justifica Roberto de Sousa Causo, escritor e crítico que milita pela FC desde 1983, quando participava de fanzines.

Por enquanto, William Gibson, Philip K. Dick, Arthur C. Clarke — traduzidos pelos selos Aleph e Rocco — e outros nomes clássicos são presença esmagadora nas estantes. Segundo explica Causo, temas caros a escritores internacionais (de hegemonia anglófona) são geralmente preteridos pelos brasileiros. “Os autores não se sentiam na obrigação de seguir exatamente técnicas e visões de mundo científicas que a ficção internacional apresentava. No momento atual, persiste uma falta de intimidade do brasileiro com o tema científico. É comum que elementos de horror ou fantasia sejam introduzidos numa história com tema de ficção científica”, analisa o especialista, editor de antologias de contos e novelas brasileiros pela Devir e de uma coluna dedicada ao assunto no portal *Terra Magazine*.

Mesmo minúscula se comparada ao cânone de língua inglesa, a FC brasileira é peculiar e consegue acompanhar tendências estrangeiras, como os subgêneros new weird (aliança com fantasia e horror) e steampunk (retrofuturismo ambientado na época da tecnologia a vapor). O momento é de renovação: reedições de escritos fundamentais — como *Duna* (Aleph), de Frank Herbert — e novidades nacionais. Títulos contemporâneos que têm feito sucesso lá fora pouco a pouco chegam aqui, como obras do norte-americano Jeff VanderMeer (*A situação*, em pré-venda pela Tarja) e do inglês China Miéville, em breve pela mesma editora. “O que acontece agora é um recomeço. A dificuldade é essa: como promover no Brasil um gênero que ainda está se encontrando, quando o mercado não se manteve atualizado com as transformações internacionais”, completa Causo.

De Huxley a Bradbury

É comum um forasteiro dizer que a paisagem arquitetônica de Brasília parece saída de um filme de ficção científica. O diplomata Hélio Franchini Neto, 32 anos, natural de Franca (SP), escolheu a capital futurista para viver em 2004 e lançou seu livro de estreia, *Distopia* (Ateliê Editorial), no ano passado. Nele, de inspiração movida pelas realidades opressivas de George Orwell e Aldous Huxley, descreve um mundo atravessado por guerras constantes entre democratas, libertaristas (filho do marxismo) e teologistas (radicais religiosos). O herói, um democrata em visita ao campo de batalha, descobre-se numa sociedade que deu as costas para o progresso. “A ficção científica tem a vantagem de poder oferecer um distanciamento temporal do presente, que facilita compreender o hoje”, reflete o mestre em ciência política pela Universidade de São Paulo (USP).

O conhecimento acadêmico concentrado em estudos políticos, segundo ele, foi pedra angular nas pesquisas para o livro. Mas ele defende que a ficção é mais ampla e acessível. “Um livro de ciência política pode ser etéreo, difícil. Numa história, você tem capacidade de alcançar mais gente. A ficção não substitui a pesquisa. As duas caminham juntas”, verifica.

Heterônimo futurista

O paulista Nelson de Oliveira, 44 anos, é experiente e frutífero: venceu duas vezes prêmios da Associação Paulista dos Críticos de Arte e da Casa de las Américas, e coleciona mais de uma dezena de publicações. Mas decidiu nascer de novo. E para a ficção científica. “Eu me encontrava em crise por volta de 2006. Ou interrompia tudo ou dava início a uma nova carreira”, confessa. Agora atende por Luiz Bras (luizbras.wordpress.com), persona que reanima “a antiga paixão pelo gênero que tinha abandonado essas décadas todas”. O primeiro trabalho do novo autor é o juvenil *Babel hotel* (Scipione), finalista do Jabuti. O segundo é a coletânea de contos *Paraíso líquido* (Terracota).

“Lido com fluxos de consciência, sempre jogando com interno e externo, mas todos um pouco desfocados”, define. Roberto de Sousa Causo classificou o livro como pós-cyberpunk, uma evolução do estilo caótico consagrado por William

Gibson na trilogia do *Sprawl*, iniciada por *Neuromancer* — principal referência do filme *Matrix* — e Bruce Sterling. Fábio Fernandes, escritor e tradutor habitual da Aleph — inclusive de Gibson — já o considera como pós-new weird, tendência que derruba as fronteiras entre horror, fantasia e ficção científica.

Outro leitor de Bradbury, Luiz Bras parou um pouco com os contos e agora prepara um romance, em elaboração há nove meses, com o título provisório de *Incendários*. “O protagonista vai acabar se apaixonando pelo fogo”, é o que ele adianta. O heterônimo de Nelson está animado e otimista com a FC nacional. “Os autores estão se multiplicando. O preconceito da crítica e do establishment ainda é grande. Difícilmente você vê a resenha de um livro de autor brasileiro na grande imprensa. Se a gente conseguir manter esse ritmo, dentro de cinco ou 10 anos o número de leitores interessados vai ser maior”, avalia.

Lido com fluxos de consciência, sempre jogando com interno e externo, mas todos um pouco desfocados.”

Luiz Bras, escritor

Brasileiro internacional

Jacques Barcia, 32, jornalista de tecnologia e pernambucano de Recife, é ousado: em vez de esperar a solidificação do mercado brasileiro de FC, escreve majoritariamente em inglês há quatro anos e já emplacou ficções curtas em várias publicações estrangeiras, como *Clarkesworld*, *Electric Velocipede* e *Everyday Weirdness*. Os textos podem ser acessados pelo blog do autor, jacquesbarcia.wordpress.com. Vocalista e líder da banda de grindcore Rabujos, ele tem três histórias elegíveis ao Hugo — que integra, ao lado de *Nebula* e *Locus*, o circuito mais importante de premiações dedicadas à literatura fantástica e de ficção científica. “Desde 2009

mando coisas para revistas e editoras anglófonas e tem dado certo. Foi uma decisão de mercado. Como tenho facilidade de escrever em inglês, foi um caminho natural”, explica.

Barcia segue os preceitos bizarros do new weird, sensação no mercado gringo. “Você pode navegar de navio no espaço ou caçar deuses. As coisas saem assim. Tento chocar ideias impossíveis, discrepantes e conectá-las. Tiro assuntos de qualquer canto”, observa. “Costumo dizer que não tenho muito compromisso com a realidade histórica nem com os cânones dos gêneros. Gosto de fazer uma colcha de retalhos a partir de culturas e costumes”, argumenta.

www.correio braziliense.com.br



Leia trechos de livros e saiba mais sobre a literatura de ficção no Brasil.